

INFORMATIVO  
ANUAL

CONSUMO

VERÃO 2019 | ANO IV | Nº 16



Escola Waldorf  
Francisco de Assis





# EDITORIAL

por Tereza Racy

Mais um Natal que chega trazendo as nossas velhas reflexões sobre as nem sempre cumpridas promessas de abraçarmos uma vida mais harmônica, mais amorosa, mais caridosa, menos consumista e tudo aquilo que vamos nos esforçando para acrescentar na nossa lista infundável de mudanças. E pensando eu aqui em qual das promessas iria destacar, minha mente voou para o grande mural de mosaico que retrata a imagem de Francisco de Assis, na porta de entrada da nossa escola. Parei por um instante e me perguntei a razão. O que teria a ver o Natal, a comemoração do aniversário de Jesus com Francisco de Assis? Rapidamente me lembrei que Francisco foi convidado a celebrar uma festa com pastores e animais, em 1223, com o objetivo de recriar o nascimento de Jesus em Belém, festa que deu origem aos presépios. Mas não era só isso! Seriam os milagres a ele atribuídos tão semelhantes aos de Jesus? Vasculhei meu interior e percebi que não. No entanto ao vasculhar o meu interior, percebi que ali poderia estar a resposta. No meu interior e não no meu exterior e nas histórias contadas por gerações. Percebi que quando olho a jornada de Francisco na Terra, transborda a palavra viva de Jesus. Deitando olhos sobre a história da humanidade, após mil e duzentos anos, percebi que Francisco veio para viver a palavra de Jesus. Não por meio de parábolas, mas por meio do exemplo. Do exemplo que não deixa dúvidas sobre o caminho do autocohecimento que o Homem precisa fazer. Não bastam promessas. Não bastam listas. Temos que colocar o pé no mundo e restaurar a Casa de Jesus. Disse a voz de Deus para Giovanni Di Pietro Bernardoni: “Vá Francisco e restaure minha casa.”. Acredito não ser por acaso que ele é o nosso patrono. Que neste advento possamos iniciar a nossa jornada para a arrumação da nossa casa a fim de dignamente recebermos o Cristo.

Feliz Natal.

# SUMÁRIO

- 04** | REFLEXÃO DE ÉPOCA  
**As Doze Noítes Santas**
- 08** | O DESENROLAR DE UM FIO MÁGICO  
**Acompanhando o caminho da criança**
- 10** | FOLHA LIVRE  
**O que ficou para mim da comemoração do Centenário da Pedagogia Waldorf**
- 12** | FALANDO COM O DOUTOR  
**Amar os outros**
- 14** | A VOZ DA COMUNIDADE  
**Gratidão**
- 16** | É ASSIM QUE SOMOS  
**Sigo vivendo do Presente**
- 18** | NOSSO ALIMENTO  
- **Do Crostoli ao Grosteli a tradição se mantém na casa dos Borghi**  
- **Receita Natalina: Stollen**
- 20** | ACONTECEU NA FRANCISCO  
- **A Francisco no canal FUTURA**  
- **Paisagens da Alma**  
- **Festa Semestral**  
- **Ramayana**  
- **34 anos da Francisco**  
- **Rixa das Bruxas**  
- **Exposição Pedagógica e Bazar de Natal**  
- **A História da Arquitetura e a Sala de Aula Como Obra de Arte**
- 30** | NAFUNÇÃO  
**Manutenção e Compaixão**
- 31** | VIDA EM VERSOS

# EXPEDIENTE

Editorial: *Tereza Racy*

Colaboradores: *Alcides Garcia Junior; Allan Gonçalves da Silva; Álvaro Prino; Armando Ballaminut; Carolina Gulyas Figueiredo; Denise Seignemartin; Fernando Andrade; Jan Leca; José Carlos Machado; Livia Gomes Ferreira Campanholi; Louise Regina Lins Geller; Lucas Moraes; Paulo Sérgio Jordão Daruiche; Renata Lis Bellinello; Rosa Crepaldi; Sérgio Ribeiro Ângelo; Thaisa Nogueira; Thiago Borazanian; Vidal Bezerra; Vivian Borghi Kühl Borazanian*

Projeto Gráfico e Diagramação: *Felipe Kertes*

Capa: *Renata Lis Bellinello*

Fotos: *Arquivo EWFA*

O Informativo Francisco é uma publicação trimestral da Associação Humanista Francisco de Assis (EWFA) e é distribuído gratuitamente.

É proibida a reprodução total ou parcial de textos, fotos e ilustrações, por qualquer meio, sem prévia autorização dos artistas ou do editor do Informativo.

Sugestões, comentários e críticas para [secretaria@ewfa.com.br](mailto:secretaria@ewfa.com.br)

Av. Basílica, 149 | Lauzane Paulista | São Paulo - SP  
CEP 02440-060 | (11) 22310152 | (11) 22317276

[www.ewfa.com.br](http://www.ewfa.com.br)



**Escola Waldorf  
Francisco de Assis**

**WALDORF**  
**100** | **LEARN  
TO CHANGE  
THE WORLD**



Imagem (Patch appliqué): Renata Lis Bellinello

## REFLEXÃO DE ÉPOCA

### As Doze Noites Santas

Renata Lis Bellinello | Bacharel em Administração, Coach e Terapeuta Floral  
Dedica-se há 21 anos aos estudos de Rudolf Steiner e a vivenciá-los para o desenvolvimento humano.

**A**s doze noites vão do dia 25 de dezembro a 6 de janeiro, e é o período da jornada dos Reis Magos, que, orientados pela estrela de Belém, seguiram até a criança, o Salvador. Representam a abertura de um portal de comunicação com o mundo espiritual.

Este caminho foi orientado pela sabedoria do movimento e posição dos astros e constelações zodiacais que representam, analogamente, o destino humano.

Realizar este caminho meditativo, durante as noites santas, nos proporciona uma oportunidade inspiradora para começar o novo ano com consciência e entusiasmo revitalizados e, desta forma, encontrar a calma e a renovação espiritual. É uma pausa, um momento em que a energia superior entra em nosso corpo, que nos permite escutar a orientação que vem da alma, promovendo cura e transformação.

A chave do despertar espiritual diz respeito a total responsabilidade de cada pessoa em buscar e encontrar

seu caminho. Para isso, é preciso criar pausas para ouvir, em silêncio, o Espiritual que flui através de nós, trazendo orientações, para fortalecer nosso poder interior.

Este processo se inicia nos quatro domingos que antecedem o Natal, chamados de Domingos do Advento, que significam uma preparação para receber a Criança Divina. Este é um período onde os estímulos externos estão nos absorvendo e nos afastando do espiritual. Então, somos convidados a ritmar nossa vida, rever o ano que passou, buscar um refúgio de silêncio e nos elevarmos, lembrando da nossa origem Divina.

No Natal, o mundo torna a começar, uma realidade eterna surge diante de nós, de forma imutável. A Criança Divina veio habitar em nosso mundo e nos trouxe a dádiva de nos tornarmos luz. A partir deste dia, o sol se relaciona com o zodíaco de forma particularmente especial, trazendo os presságios para o ano vindouro.

Duas considerações são importantes para entendermos o sagrado das doze noites: até o ano de 353 d.C., Roma apenas celebrava o dia 6 de janeiro, o Batismo, quando Cristo veio habitar no corpo de Jesus. É a partir do ano 354 d.C. que a igreja passa a festejar o nascimento de Jesus no dia 25 de dezembro, o destinado a acolher, em si, o Cristo. O outro ponto é que, inicialmente, o calendário das civilizações de 3000 a.C. era lunar. Ou seja, o ano tinha 354 dias que correspondiam a 12 luas cheias, num ciclo de 29,5 dias aproximadamente. Nas épocas pré-cristãs, quando o calendário usado passa a ser solar, os dias entre 24 de dezembro e 6 de janeiro foram acrescentados, e eram a diferença do ano lunar para o ano solar de 365 dias. Este período era imbuído de uma qualidade especial para os povos do hemisfério norte, que se dedicavam ao silêncio e trabalho reduzido, e se conectavam com a Essência Divina para receber intuições, que eram vistas como profecias dos 12 meses do ano seguinte.

Duas correntes também nos auxiliam e orientam nesta jornada. Elas são a simplicidade dos Pastores e a sabedoria dos Reis.

Os Pastores receberam a notícia do nascimento do Salvador, por sonho, pelos anjos. Seus corações eram receptivos e calorosos. Eles traziam o que mantém a vida corpórea: a lã, o leite e a sintonia com a simplicidade e com natureza.

Os Reis acolhiam em si a sabedoria do caminho pelas estrelas. E faziam a ligação entre o céu e a terra. Eles traziam o que mantém a vida anímica: o ouro, que transforma o pensar em sabedoria; a mirra, que traz vitalidade e fortalece a vontade e o incenso, que enobrece os sentidos. Os dois caminhos nos levam a uma nova consciência, um novo olhar. Os Pastores nos inspiram a reconhecer, pelo coração, o mundo espiritual em todos os processos da natureza e assim espiritualizar o mundo das percepções. Os Reis nos trouxeram as imaginações que outrora viam fora de si, na imensidão do cosmo, na estrela natalina, para nosso interior e assim espiritualizar os conceitos, o pensar.

A união destes dois elementos polares na consciência humana, a percepção (fora), e o conceito (profundezas da alma) no processo cognitivo organiza um resplandecer da alma, uma nova sabedoria com o calor interior do amor, penetrando no pensar e transformando a vontade.

Com esse olhar, podemos nos dedicar a fazer o caminho do nascimento de Jesus a Cristo, com a inspiração das constelações zodiacais e as bênçãos das hierarquias angélicas. Estas que estão, neste período, ansiando por se comunicarem com os corações humanos que estiverem preparados

e abertos a ouvir. Falando a nossa alma, como pensamento e sentimentos e, se nos mantivermos sintonizados, iremos percebê-los como realidade nos acontecimentos.

Cada uma das constelações, observadas a partir do ponto de vista da Terra, relaciona-se com um mês do nosso calendário. Cada constelação estelar também nos remete a um âmbito da nossa vida.

O caminho que faremos, neste período, é da ordem e do sentido, dentro do cinturão das constelações, que, refletidos no ser humano, reverberam aquele que vai dos pés à cabeça, vivenciando uma transformação: de pessoas terrenas e materialistas em pessoas espiritualizadas, que olham o mundo a partir do Divino. Vamos das forças de Peixes para as forças de Áries. Segundo Rudolf Steiner, estas noites são momentos onde os véus entre o reino espiritual e o reino humano estão mais finos, mais sutis. E, por isso, é a melhor época do ano para se estabelecer intenções, metas e plantar sementes. Entrar em meditação e oração, pois a Terra está envolvida com o amor e a luz do Cristo Cósmico.

A estrela brilha para que possamos transformar tudo que foi revelado pela luz Natalina, em ideias de vida, bem como, gerando uma nova direção, despertando a consciência para uma vitalidade espiritual libertadora e um propósito de vida abrangente. Os presentes podem vir em forma de sonhos e intuições.

Proponho aqui um trabalho de consciência meditativa, bem especial. Ele deve ser realizado em cada uma destas noites, antes de adormecer. Silencie e reflita na questão relacionada à respectiva noite. Este pode se tornar um guia para todo o ano que virá. ■

# As Festas são pontos cruciais no ano, que nos unem com o espírito do Universo."

**Rudolf Steiner**

## Bibliografia

- Treze Noites Santas – GA 127
- Os Mistérios dos Pastores e dos Reis – Sergei O. Prokofieff
- As Noites Santas - Edna Andrade
- Ciclos - Sara Marriott
- Ao Longo do Ano – Luiza Helena Tannuri Lameirão



DIA **25/12**  
**DEVOÇÃO**

Nesta noite, ocorre a visita dos Pastores. E da Constelação de Peixes, a sabedoria vem sobre nós. O Eu Superior emana força para que nos firmemos nos nossos próprios pés e olhemos para nosso destino.

**Como irei convidar o mundo espiritual para fazer parte da minha vida neste ano?**

DIA **26/12**  
**SAÚDE**

Nesta noite, da Constelação de Aquário, seu Anjo irá inspirar suas metas e qualidade de vida.

**O que é necessário fazer para melhorar minha saúde física e emocional?**

DIA **27/12**  
**CORAGEM**

Nesta noite, da Constelação de Capricórnio, os Arcanjos, seres da luz, oferecem-lhe coragem para alcançar seu propósito.

**Quais mudanças que necessitam de minha coragem para acontecer?**

DIA **31/12**  
**DISCIPLINA**

Nesta noite, da Constelação de Virgem, os Kyriotes, espíritos da sabedoria, convidam ao recolhimento para concentrar a energia e olhar para suas escolhas.

**Quais as escolhas que estão sendo adiadas?**

DIA **01/01**  
**COMPAIXÃO**

Nesta noite, da Constelação de Leão, os Tronos, espíritos da vontade, que nos fortalecem a realizar no exterior, o que vive em nosso coração.

**O meu trabalho está permeado de propósito?**

DIA **02/01**  
**CUIDADO**

Nesta noite, da Constelação de Câncer, os Querubins, espíritos da harmonia, nos inspiram a desenvolver uma consciência coletiva, a partir de uma energia amorosa.

**Tenho a visão do todo e das consequências das minhas atitudes?**

**DIA 28/12**

## **CLAREZA**

Nesta noite, da Constelação de Sagitário, os Arqueus, espíritos da personalidade, lhes ofertarão as forças da inteligência, para direcionar o futuro.

**Quais as áreas e assuntos na vida que precisam de luz?**

**DIA 29/12**

## **TRANS-FORMAÇÃO**

Nesta noite, da Constelação de Escorpião, os Exusiaí, espíritos da forma, sugestionam formas diferentes de realizar as tarefas cotidianas.

**Como posso melhorar meu ritmo diário, o que devo incluir, o que deve eliminar?**

**DIA 30/12**

## **COERÊNCIA**

Nesta noite, da Constelação de Libra, os Dynamis, espíritos do movimento, oferecem a capacidade de equilibrar sua vontade com as demandas externas.

**Tenho sido coerente? O que sinto e acredito estão refletidos nas minhas atitudes?**

**DIA 03/01**

## **CURIOSIDADE**

Nesta noite, da Constelação de Gêmeos, os Serafins, espíritos do amor, aconselham-nos a experimentar o amor fraterno e desenvolver relacionamentos saudáveis.

**Quais hábitos posso mudar para trazer mais harmonia em meus relacionamentos?**

**DIA 04/01**

## **BELEZA**

Nesta noite, da Constelação de Touro, o Espírito Santo oferta-nos a força da persistência para realizar nosso propósito.

**Consigo olhar para meu arredor e ver beleza nas pessoas?**

**DIA 05/01**

## **ENTUSIASMO**

Nesta noite, da Constelação de Áries, o Cristo, o próprio Filho de Deus, presenteia-lhe com uma nova perspectiva, a da autenticidade.

**Como posso me expressar de forma mais autêntica?**

Que a celebração desta jornada seja um portal para um ano de boas realizações, não apenas para si, mas para todos. Uma Terra melhor surge do esforço pessoal de cada um.



Imagem | Freepick

## DESENROLAR DE UM FIO MÁGICO

### Acompanhando o caminho da criança

Lívia Gomes F. Campanholi | Professora de Classe do 5ºW.

Se estivermos dispostos e atentos perceberemos que o clima mudou, já há pouquinho tempo em outubro e novembro. Por aqui já se escuta cedo, cedo, o canto do bem-te-vi. E o tapete da cidade já está repleto de tons arroxeados e amarelos caídos das copas das árvores. De fato, a chuva anda meio escassa, mas as nuvens já se tornam mais gordinhas no céu, *cumulus* em poesia de formas, só basta ter tempo para apreciá-las! E o sol? Portentoso, em toda sua majestade ilumina os nossos longos dias. Como é bom vivenciar com devoção tais transformações. Gosto de pensar que tal escolha se torna uma dádiva meditativa, que nos possibilita “parar o tempo”.

De fato, o clima muda e com ele mudamos também. As roupas se tornam mais leves. Nos alimentamos de frutas e mais líquidos frescos, aproveitamos mais a vida fora de casa...

O tempo também muda. E contraditoriamente à natureza, a percepção do tempo é diferente para nós, seres humanos. Toda a natureza à nossa volta vive o seu ciclo contínuo dentro de uma sabedoria singular e cósmica.

Porém, absortos nos nossos paradigmas consumistas de cada dia, usufruímos das horas desenfreadamente com numerosas atividades; sem sentir e estar presente, consciente do tempo que vivemos. Quando nos damos conta, o tempo desapareceu. E nem conseguimos fazer todos os preparativos natalinos e de passagem de ano bom. Como corremos!!!

Quanta festa! A celebração principal para o ano cristão chegou: o Advento! Celebramos com brincadeiras, danças em grupo, comidas deliciosas (algumas são segredos de família, exclusivos para esse importantíssimo evento), singelas músicas em coros entoam um clima renovado no ar. Esperança em notas musicais e orações! Buscamos bem no fundo na confraternização a renovação da Fé, a *Fraternidade e a Esperança*.

Nesse ambiente e com alegria é que nos preparamos também para uma importante comemoração: a transformação da criança! Ela agora, com sete anos inteiros, tendo modelado o seu corpo físico, já iniciando a troca dos dentes de leite para os

permanentes, tendo um significativo estirão corporal com o domínio de sua lateralidade e noção espacial; tendo também transformado o seu brincar e iniciado um lampejo de investigação sobre o mundo que a cerca... Ou para falarmos “antroposoficamente”, a criança no momento presente dá indícios físicos de que a força plasmadora do corpo etérico se estabeleceu e atuou sob o corpo físico, cumprindo a sua tarefa de transformação da carga hereditária recebida pelos pais, estando, portanto, disponível para auxiliar o nascimento do *Corpo Astral* e no desenvolvimento das habilidades de Concentração e Memória, tão importantes para a aprendizagem escolar – nova etapa da criança pelos próximos 14 anos.

Conhecendo ou não os princípios da *Pedagogia Waldorf*, é fato: outras aprendizagens sociais e culturais a criança necessitará nos próximos tempos de sua vida. Espera-se então que durante os sete primeiros anos de vida as crianças possam ter exercitado profundamente o seu corpo físico brincando, alimentando-se

com o que há de mais rico e variado em termos de sabores e nutrientes; que tenham também podido vivenciar um dormir e acordar íntegros e benfazejos, além de terem vivenciado os ritmos anuais da natureza. Outros aspectos valorosos são a oportunidade que eles tenham de explorar muitos materiais naturais e armazenando um baú de tesouros: histórias, músicas e gestos humanos repletos de sentido e de devoção. A ordem desse tempo é trazer às crianças o que há de bom no mundo. Essas pérolas, felizmente, encontramos no ambiente do *Jardim Waldorf*. O melhor ainda seria e desejamos que assim o seja é que mais crianças possam tê-las também em suas casas.

Finalizamos o ano e para algumas famílias, no nosso jardim, finaliza-se esse tempo de gestação do ensino fundamental; ficam alguns pais entristecidos pela perda do que se é conhecido, do aconchego em nossas almas tão atarefadas, desse afeto manifesto que exala das práticas materna e jardineira na nossa escola. Alguns desses guardarão lindas memórias e já se sentem saudosos desse tempo bom. Como abandonar as festas da lanterna e da primavera? E o cheirinho de flores, pipoca e de chá? As coroas de aniversário, então?! Bem lá no fundinho do coração, até mesmo da sopinha de areia no fundo da sacola ou as roupas rasgadas das crianças, eles vão se lembrar com carinho!

Que bom que o jardim é *Bom*, para todos nós. Felizes os que usufruíram do carinho e do cuidado das nossas queridas jardineiras! Não se aflijam, elas continuarão conosco. Moram eternamente no nosso coração! Busquemos avançar com coragem, sem cairmos na tentação melancólica e fatalista de que tudo se acabou. Muito pelo contrário, as crianças nos ensinam que querem aprender; sigamos aprendendo com elas. Essa etapa, se bem vivida, foi o cami-

nho mais saudável para seguirmos reencarnando<sup>3</sup> e avançando para os nossos propósitos no mundo.

Sim, tal qual o tempo de desenvolvimento físico na barriga da mamãe foi uma preparação para o andar, falar e brincar do primeiro setênio, agora partem, crianças e famílias para outros aprendizados nessa nova e feliz etapa da vida humana – o *Segundo Setênio*. Nele é quando aprendemos a nos socializar, onde e quando abrimos o coração para aprender sobre o que nos rodeia, sobre a nossa cultura e sobre o que há de Belo no mundo; aprendemos a explorar novas habilidades físicas e emocionais através das relações sociais e dos espaços.

Ele exige de nós adultos ordem e forma coerente com a pedagogia, abertura *anímica* para lidarmos com temas da ordem das emoções – um trabalho individual de transformação para podermos servir de exemplo e inspiração para as nossas crianças; também necessita-se de disposição para o trabalho em grupo com os seus pares – afinal, não serei eu comigo mesmo, mas sim: Eu e Nós. E para isso, uma figura importantíssima se apresenta nessa tarefa, o *Professor* ou *Professora* de Classe. É com ele que você caminhará ao lado por alguns bons anos.

Pense nele como um parceiro de trekking experiente. Quão gostoso é desfrutar de um lindo passeio na mata com segurança e companheirismo! O Professor ou Professora de Classe deverá saber orientar qual o melhor caminho a seguir para que todos cheguem bem ao destino. Toda vez que uma nova trilha for desbravada, convém Dialogar e Mirar o mapa norteador, no caso os princípios da pedagogia Waldorf; bem como é sempre importante pensar no destino, no objetivo final – as crianças. Elas devem ser o foco das ações do grupo, mais tranquilos todos ficarão. Toda vez que o ciúmes dessa liderança

aparecer, busque sublimá-lo; o encantamento que seu (a) filho(a) terá pelo professor de classe é genuíno, mas jamais substituirá o seu valor. Cada um do grupo que se forma é importante e deve ser valorizado, cada um tem o seu papel. Não queira passar a sua mochila para que o colega a carregue, pelo contrário, se você estiver mais disponível, que tal dar uma mãozinha para aqueles que ainda estão subindo o monte mais íngreme do caminho?! Não acelere o passo, nem corte caminhos sozinho, não seja ansioso(a), aprecie cada recanto da caminhada, por todos os lados há de ter uma beleza a ser prestigiada.

E acima de tudo Confie! Não esmoreça no percurso. Fé, *Fraternidade* e *Esperança* são atributos para aqueles que desejam atravessar o Portal do Primeiro Ano Escolar Waldorf. Ao observarmos com carinho, vamos perceber que as crianças já as trazem em seus corações quando fazem essa passagem. O Advento, essa força de Renovação, está nos dando a oportunidade de desacelerarmos e pensarmos no que é essencial na vida e na vida escolar de nossas crianças. Não serão por certo as mil cores de giz de cera ou as fantásticas malas de couro, preferencialmente feitas pelos pais com amor, que farão a diferença. Com Amor genuíno, doando o nosso melhor em gestos, falas e ideias todos os dias, eis o nosso melhor. Que possamos a cada ano fazer as passagens necessárias para que o *Bom*, o *Belo* e o *Verdadeiro* as acompanhem na nossa Pedagogia Waldorf e no mundo. ■

## Bibliografia

<sup>1</sup> ROSA, V. G.: Relembraimentos – João Guimarães Rosa, meu pai. 4ª ed., RJ, ed. Nova Fronteira, 2014.

<sup>2</sup> A Antroposofia, criada por Rudolf Steiner, preconiza dentre outras coisas que o ser humano é formado essencialmente por 4 corpos distintos como: Corpo Físico, Corpo Astral, Corpo Etérico e Eu, eles se desenvolvem ao longo da vida, mas em especial nos 3 primeiros setênios, dos 0 aos 21 anos. Sabendo disso, os conteúdos e práticas da Pedagogia Waldorf propõem nutrir e respeitar às necessidades de cada uma das fases.

<sup>3</sup> O conceito de Reencarnação na perspectiva Steineriana pressupõe fases de desenvolvimento. O estudo dos conceitos de Rudolf Steiner sobre a Biografia Humana são sanadores de possíveis dúvidas sobre esse assunto.

**“Natal tão mais remoto que o passado / Íntimo mais que o presente / Que o pensar e o sentir da gente / Só igual ao futuro / Amor recomeçado”** João Guimarães Rosa <sup>1</sup>

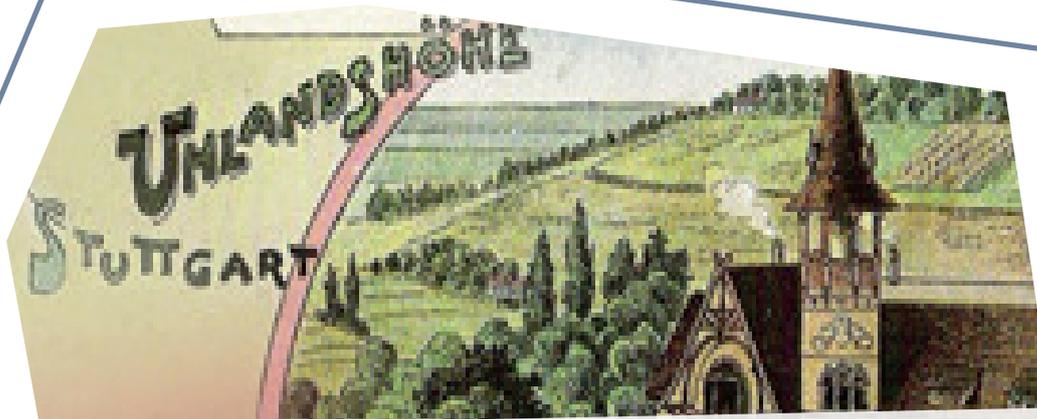


Imagem | waldorf-100.org

**FOLHA LIVRE****O que ficou para mim da comemoração do centenário da Pedagogia Waldorf**

*Denise Seignemartin | Professora de Euitmia e Presidente da Federação das Escolas Waldorf.*

**N**este ano, o mundo todo festejou este momento especial do nascimento da primeira escola Waldorf em Stuttgart, 100 anos atrás. Olhar para o passado, para os motivos que impulsionaram esse acontecimento nos incentiva a levar adiante por mais 100 anos essa pedagogia, pois tais motivos ainda são prementes na nossa contemporaneidade.

Trata-se de por em prática a Trimemoração Social na estrutura educacional à luz da Antroposofia. Como realizar, de fato, a fraternidade no âmbito econômico, a igualdade no âmbito jurídico-político e a liberdade no âmbito das artes, ciências e religião, considerando cada ser humano como um ser único, independentemente de ser pai, professor ou funcionário. Sabemos que nesse grande “laboratório social” que a escola proporciona, possibilita-se aos alunos lidarem com a vida, com as relações, a entenderem o outro com “os olhos do outro”, a construir pontes através da empatia.

Quando soube que as abelhas seriam o tema a ser abordado mundialmente nessa comemoração, fiquei surpresa e com a pergunta: por que?

A resposta ficou clara ao término do Congresso em Comemoração aos 100 anos que ocorreu em junho na ESALQ (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queirós), em Piracicaba. Já achei incrível que a comemoração acontecesse dentro da academia. Houve até mesmo uma palestra interessantíssima, proferida pela catedrática dra. Vera Lucia Imperatriz Fonseca, sobre a “Organização Social” das abelhas e sua relevância na produção de alimentos, assim como a palestra da professora Waldorf do Colégio Micael, Claudia Johnsen, juntamente com o ecologista Jerônimo Villas Boas.

De repente foram “caindo fichas” e percebi o quanto tínhamos que aprender com as abelhas. Rudolf Steiner, em seu livro “O ser humano como sinfonia das forças universais”,

comenta que se quisermos ter uma percepção da organização do Eu, da nossa essência espiritual, teríamos que observar o que se sucede ao redor das abelhas, esse calor em que ela está inserida, assim como a colmeia e o seu trabalho. Surpreendente observar como elas estão organizadas e mais surpreendente é que o resultado do seu trabalho é essencial à existência dos outros reinos.

Fazer algo sem interesse próprio, independente se gosto ou não gosto, se vou levar vantagem ou não, porém fazer aquilo que é preciso fazer pelo outro ou pelo mundo, são premissas da nossa época cultural, a qual Rudolf Steiner denominou de Alma da Consciência.

Compreendi que aquilo que se expressa no calor ao redor das abelhas, interiorizado na alma humana e através da empatia, nos prepara para o despertar da alma da consciência, pois aquela voz que “clama no deserto” é a mesma voz que clama na solidão da alma humana. E se a ouvimos, aos poucos despertamos para a



nossa consciência moral individual. Nana Göbel (dirigente da Freunde Erziehungskunst - Amigos da Arte de Educar) trouxe a história da pedagogia Waldorf e como ela se propagou no mundo todo, nas várias culturas. Aqui no Brasil, chegou na década de 50 e se propagou nos anos 80 pelos rincões das terras brasileiras. Hoje temos aproximadamente 280 instituições Waldorf no Brasil.

A grande tarefa para os próximos 100 anos será a de consolidar a pedagogia Waldorf considerando sempre os contextos socioambiental e cultural em que a escola vive sem perder a sua essência e pôr em prática a Trimembração Social. É nisso que acredito. ■

**“Que venha a ser bom  
O que nós, dos corações,  
Queremos fundar,  
O que nós, das cabeças,  
A alvos plenos queremos  
conduzir.”**

Rudolf Steiner  
(final da 4ª parte da “Pedra Fundamental”)

Emil Molt



Berta Molt



Rudolf Steiner





Imagem | Felipe Kertes

## FALANDO COM O DOUTOR

### Amar os outros

Dr. José Carlos Machado | Médico Escolar

**A**inda existem certos momentos em que nos deparamos com uma sensação diferente. Parece que alguma coisa está acontecendo ao nosso redor. Uma alegria incomum nas pessoas que o nosso pessimismo não vê razão para acontecer; uma esperança esquecida que resolve aparecer nas conversas e nos sorrisos das pessoas ou um otimismo surge de repente. E como todo esse alvoroço nem sempre se encontra disponível, é claro que nos surpreende. Curioso porque, mesmo incompreensível, isso parece ser contagioso e, de repente, aquilo que a princípio causava estranheza e desconfiança vai aos poucos ficando mais à vontade dentro da gente, não ameaça mais, não incomoda. Fica um bem-estar semelhante ao aconchego das boas lembranças da infância e da tranquilidade sincera quando reconhecemos que, de fato, precisamos de poucas coisas para ser feliz. Na verdade “re-descobrimos” que a felicidade é algo que não precisamos necessariamente ter para desejar, mas como é prazeroso poder compartilhar esse gesto e reco-

nhecer no outro que isso também é possível. Pronto, já começam a aparecer os sintomas, não falei que era contagioso?

Estamos nos aproximando do Natal e justamente nessa época é que alguma coisa parece se modificar dentro de nós e essa sensação se legitima e se torna mais perceptível. Os incrédulos argumentarão que isso é bobagem. Nada pode se opor a essa enxurrada mercadológica que o comércio impõe quando somos obrigados a simplesmente consumir, vítimas de um marketing eficiente. Mas, aqueles que acreditam, empenham-se em tornar essa data significativa, pois a enxergam como um momento de mudança. Consumidores e crédulos convivem lado a lado e, cada um a seu modo, experimenta individualmente a sensação natalina de que algo diferente está acontecendo, mas que pode também se tornar especial. Mas para isso também precisamos ajustar nosso olhar.

O Natal traz a possibilidade de renovação. Esse é o segredo dessa

data. No meio dos problemas, dos boletos e das atribuições diárias podemos encontrar um espaço em nosso coração que experimenta um contentamento sincero ao observar a expectativa das crianças com seus presentes desejados. Apesar de nossas críticas para com aqueles consumidores exagerados, sob o nosso ponto de vista, podemos ficar muitas vezes surpresos em compreender o que movimenta tantas pessoas em suas peregrinações pelas lojas e shoppings centers em busca de presentes e lembranças para seus familiares. O que movimenta essas ações? E a emoção, onde foi parar? Já não existe mais? Sim, continua existindo e resistindo. Em meio aos badulaques descartáveis dos camelôs, das lembrancinhas singelas e das encomendas feitas pelos amigos secretos estão contidas, mesmo que minimamente, uma intenção de agrado, um afeto. Por mais tola e superficial que seja a troca de presentes ou a entrega de uma mera lembrança para alguém está, mesmo que camuflada, uma atitude fraterna, um ato de amor. Houve uma intencionalidade nessa

ação, uma atitude de humanidade revestida de espiritualidade.

Responsável ou não por essa modificação dentro de nós o Natal evoca esse compromisso, justamente porque coincide com uma oportunidade daquilo que já estava preparada para acontecer, aguardando o momento de sair. Essa época para alguns é inundada de satisfação e alegrias. Para outros nem tanto, mas ainda assim fica a sensação para esses que, algo esquisito, por ser inusitado e não necessariamente ruim, está incomodando lá dentro do peito, no coração, que é o lugar em que fica escondido esse tanto de felicidade que também recebe o nome de amor, esperando um chamamento desse tipo para aparecer.

Uma boa oportunidade, portanto, para renovarmos alguma coisa que julgávamos abandonada e que pode novamente renascer. Resgatar na memória as lembranças adormecidas, as alegrias infantis, os sabores que encantaram a alma e que, sabe-se lá qual a razão, deixamos embolorar e esquecemos de sentir. É chegado o momento de alegrar o coração, acalantar a nossa criança interna e poder externar isso com os outros. Independente das agruras e das decepções que a maturidade nos revelou, esperar é um presente que podemos oferecer àqueles que insistem em continuar olhando para o chão ao invés de olhar para cima.

Por certo as sombras continuarão a existir, dificuldades e obstáculos não deixarão de surgir. Mas, se nos negarmos a cuidar desse fôlego, que garantia poderemos ter de prosseguir a jornada? Para tudo e, nesse caso também vale a mesma

premissa, existem duas verdades. Há aqueles que entendem o Natal como algo puramente artificial e frívolo, pois enxergam com bastante nitidez todo o comércio que subsiste por trás, mostrando-nos o quanto isso é desnecessário. Olham para fora, mas não conseguem se ver. E existem aqueles que insistem em procurar alguma espiritualidade nessa época, porque insistem em olhar para dentro de si e resgatar algo que fica bem dentro da gente, mas quando deixamos sair fica melhor.

Esse é o meu desejo para quem se propõe a realizar essa busca: ter a ousadia de olhar para dentro de si, procurando na memória a criança esquecida que acreditava no Papai Noel e que se esforçava em obedecer para ganhar seu presente de Natal e ter a confiança de que desejar um Feliz Natal a um amigo pode significar muita coisa, mais que algo valioso, mais que um presente caro, principalmente se for sincero. Desejo que tenham perto de vocês as pessoas que precisam estar em sua companhia, pois são elas que te completam e são o seu maior presente. Caso algumas não possam estar próximas fisicamente de você não as afaste de seu coração porque, de fato, nunca te deixaram só. Lembre-se disso e diga isso a elas também. Isso te fará muito bem. Desejo um recomeço honesto e, se isso for difícil, lembrem-se que vale a pena tentar. E, se existe uma época em que o próprio mundo espiritual se aproxima e possibilita essas transformações, essa época tem o nome de Natal. ■

**“Amar os outros é a única salvação individual que conheço. Ninguém estará perdido se der amor e às vezes receber amor em troca”**

**Cecília Meireles**

curso

**Educar para a Liberdade**

*Introdução à antroposofia e à pedagogia Waldorf*

com José Carlos Machado

**10/12**

20h

[www.casadosaber.com.br](http://www.casadosaber.com.br)

(11) 3707 8900



Imagem: Felipe Kertes

## A VOZ DA COMUNIDADE

### Gratidão

Depoimentos de pais do 12º Ano



**D**ar o primeiro passo... este é o momento básico de tudo, até para escrever um texto. Pois bem, assim começo. Neste ano de 2019, meu filho Gabriel deixa a escola Waldorf Francisco de Assis, sendo um dos formandos do 12º ano.

Em 2015, quando na escola vim pela primeira vez, eu já havia definido que ali meu filho não iria estudar, pois tantos fatores me davam esta certeza, como a distância de minha casa, o local, o horário etc. Porém, quando participei da primeira reunião e conheci alguns pais que eram diretores, e alguns professores, em poucos minutos entendi a filosofia Waldorf. Não tive dúvidas, esta é a escola certa para meu filho e nada justifica ele não estudar aqui.

E agora neste ano recebi um delicioso presente. Tive a oportunidade de realizar um trabalho com a classe do 12º, e por isso me sinto grato e lisonjeado, pois estes jovens são grandemente incríveis.

Com este trabalho pude observar cada um, suas diferenças e principalmente o quão são capazes. Não são subservientes, não são acomodados, eles são sim questionadores, pensadores e realizadores. Resumindo, eles são frutos direto da filosofia Waldorf, a qual desenvolve nos estudantes, crianças ou jovens, a capacidade de raciocínio e desenvolvimento. Transformam-se em pensadores, ficando de certa forma muito mais fácil de concretizar as ações.

Sou franco em dizer que não é fácil trabalhar com pessoas assim, pois a exigência de trabalhar em alto nível é muito grande e você tem que crescer também, e isto torna o trabalho um delicioso desafio. Particularmente me identifiquei com a filosofia Waldorf, porque sempre acreditei que não basta simplesmente falar, os exemplos devem ser demonstrados diariamente. O seu exemplo é a maior aula que seu filho pode ter, e desta forma a participação dos pais é fundamental. É estar presente, apoiar, realizar trabalho voluntário, dedicar-se apenas, e assim mostrar ao seu filho: “Eu estou aqui e sempre juntos, estamos aprendendo a cada dia, pois cada dia é uma vida nova.”

Recebi muitos agradecimentos por ter colaborado com o trabalho de arrecadar fundos para a deliciosa viagem a Roma (que eles foram e eu não, ótimo eu não queria, o momento era deles e não meu). Palavras e ações de agradecimento, como: “Se não fosse você eles

não iriam”, mas com todo respeito, discordo veementemente, e digo, eles são os responsáveis por tudo o que aconteceu. Eles deram o primeiro passo, eles idealizaram e partiram para a grande conquista. E neste contexto eu e outros tantos que ajudaram para a deliciosa conquista, fomos coadjuvantes nesta sinfonia. Tenho certeza que eles ainda podem não se dar conta, que o fato de terem recebido um ensino baseado na filosofia Waldorf, fez toda a diferença nesta conquista, mas perceberão com o tempo, com os diversos desafios futuros que virão e se sentirão capazes de alcançar seus objetivos. Minha vontade ao final do processo, era gritar para os pais: “LIBEREM O PASSAPORTE, ELES ESTÃO PRONTOS, DEIXEM VOAR”.

E este foi meu grande presente, aprendi e cresci com eles, com os professores e com os pais. Foi um grande espetáculo em minha vida. Aos professores meu profundo respeito e agradecimento, pois para esta incrível profissão é necessário não só gostar muito, mas também ter o dom de ser mestre.

Por isso de coração agradeço à escola Francisco de Assis, seus professores, diretores e funcionários. ■

por Sérgio Ribeiro Angelo e o filho, Gabriel (formando).



**M**eus dois filhos estudaram na Escola Waldorf Francisco de Assis. Lá entraram no Maternal e ficaram até o décimo segundo ano. Não tenho algo notável que possa falar sobre eles, nem mesmo sobre seus desempenhos nos vestibulares. Apenas, que senti que foi muito mais fácil criar e educá-los com ajuda dessa escola.

Pode ser que no futuro eu tenha algo mais interessante sobre suas conquistas, mas, não é essa a minha expectativa, pois ficarei muito mais satisfeito, em ver como eles se tornaram seres humanos melhores que eu, com personalidade e caráter mais desenvolvido, e felizes com a vida que têm.

Tenho a intuição que a escola passou a meus filhos uma certa espiritualidade, e fechou os espaços vazios na alma, e eles cresceram sabendo o que querer na vida.

O que tenho de palpável, para afirmar o que estou escrevendo, é a observação de outros jovens da idade deles, filhos de parentes e amigos que estudaram em escolas tradicionais ou naquelas que focam vestibulares.

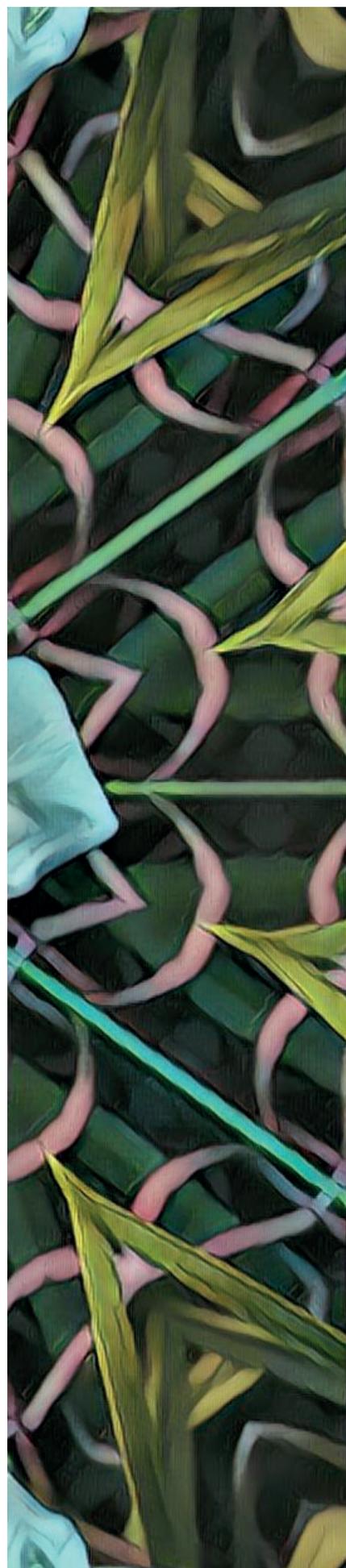
Não tem preço ver os filhos sair da escola confiantes em sua própria existência, sem medo de enfrentar a vida. ■

*por Álvaro Prino, pai do André (formando) e da Letícia, ex-aluna da turma de 2016 e formada em Administração de Empresas pela PUC.*



**H**á 21 anos, eu comecei a conhecer uma forma de ensinar que iria mudar os meus conceitos sobre Educação, quando matriculamos nosso filho na Francisco. No início, eu não entendi muitas coisas sobre a pedagogia, mas com um pouco de boa vontade fui me envolvendo e inteirando. Os anos foram passando e novos encantamentos me foram sendo apresentados, sempre com o cuidado de não espantar e tão pouco invadir. Com a chegada de nossa filha, já tínhamos a certeza de onde ela iria passar os anos de sua formação. Claro que com ela tudo foi muito mais simples e certo pois já tínhamos uma bagagem. Mas o que eu ainda não sabia totalmente, era que a filosofia de ensino que havíamos escolhido para a formação de nossos filhos iria na verdade nos transformar e, principalmente, mudar nossos conceitos sobre a vida. Hoje, passado todo esse tempo, já com um filho cursando a universidade e a outra prestes a se formar no Ensino Médio, quero através dessas poucas linhas expressar a minha mais profunda gratidão a todos os professores, funcionários e colaboradores voluntários por tudo que a Escola Waldorf Francisco de Assis fez pela minha família e o quanto isso impactou e continua impactando positivamente em minha vida, no meu pensar, no meu agir e no meu compartilhar. Quando vejo pais do Maternal e de Jardim de Infância adentrando nossa escola, fico saudosos dos tempos mágicos dos contos de fadas que vivenciamos com as crianças, porém muito alegre e esperançoso que, assim como eu, esses novos pais possam se encantar para, quem sabe, possamos todos nós deixarmos o mundo um pouco mais “Waldorf”, livre e feliz. ■

*por Armando Ballaminut, pai de Luísa, formanda e Gabriel, cursando Geografia na USP.*





Arquivo Pessoal

## É ASSIM QUE SOMOS Sigo vivendo do presente

Jan Leca | Ex-Aluno da EWFA

Conheci a Francisco de Assis em 1997, quando ingressei no segundo ano do fundamental. Foi preciso convencer meu pai, que é francês, e preferiria que eu estudasse em uma escola em que aprendesse o francês. Minha mãe (brasileira) o convenceu, ou talvez, eles se convenceram escutando sobre a pedagogia Waldorf e a Antroposofia.

Na Francisco estudei até o fim do 9º ano. Como a escola ainda não tinha Ensino Médio e as outras escolas Waldorf eram distantes e caras para nós eu prestei vestibulinho e fui aprovado no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, onde terminei o Ensino Médio.

Tenho hoje 30 anos de idade. Acabo de ingressar na nova criação de espetáculo do Cirque du Soleil e para isso estou vivendo em Montreal (Canadá). Aproveito essa oportunidade pra lembrar e dividir pensamentos com vocês sobre o tempo que passei na escola e como ela influenciou a minha caminhada e a pessoa que sou.

Não é novidade pra ninguém que a escola e sua pedagogia estimulam

a imaginação e a expressão de cada aluno através da arte em suas mais diversas formas. Resulta no desenvolvimento de uma sensibilidade que é muito variada, que passa pelas noções físicas como o ritmo e o movimento, até a exploração do subjetivo, da criatividade e da fantasia.

Pessoalmente, percebo também como a escola, junto aos meus pais, conseguiu me ensinar a me respeitar, respeitar meu tempo, minhas vontades e compreender os prazeres e desafios dessa liberdade. Claro que esses saberes na verdade são um exercício diário pra vida toda, mas me parece algo extremamente importante pra uma criança.

Artista de circo não é uma profissão comum, não costuma ser aquela que criança “quer ser quando crescer”. Era em sua tradição uma profissão mais familiar, passada de pais pra filhos, mas que desde os anos 70/80 vem se transformando muito com as escolas de circo espalhadas pelo mundo.

Já eu, não sabia de nada disso. Conheci o “malabares” sozinho com

16 anos e viquei no desafio de conseguir realizar truques cada vez mais difíceis. Aprendia assistindo vídeos no YouTube e ocupava minhas tardes depois da escola com horas de prática. Sendo assim, fui atrás e encontrei um curso gratuito de circo na Zona Norte onde me inscrevi, comecei e me animei mais ainda. Já tinha um grupo de teatro amador, uma banda, mas foi no circo que a palavra liberdade se alargou de sentido. Não só pela liberdade artística que toda arte já carrega em si, mas também pelo estilo de vida que o circo proporciona. Com 17 me juntei a um parceiro e fomos trabalhar no semáforo pela primeira vez fazendo passe de claves. Colocamos nosso figurino, passamos maquiagem e foi lá que ganhei meu primeiro cachê em moedas, notas, comidas e sorrisos.

Me lembro até hoje da sensação de que com o circo eu poderia trabalhar em qualquer lugar do mundo e lembro como isso me afetou. Até os 24 anos trabalhei em semáforos e voltaria ainda hoje sem nenhum problema.

Aos 20 lidei com a escolha entre a filosofia e o circo. Larguei a faculdade de filosofia na USP e me preparei pra prestar as escolas de circo na Europa, meu grande sonho na época. Fui e fui aprovado na ESAC, uma faculdade gratuita de circo na Bélgica. Lá me formei em 2014 me especializando em corda bamba, disciplina que eu já praticava antes de ir como minha especialidade. A corda bamba que de certa forma, sempre uniu o circo e a filosofia pra mim, me ajudando a entender o que significa estar completamente conectado com o presente e o equilíbrio entre a tensão e o relaxamento na vida.

De volta ao Brasil em 2015 criei a companhia Circo Enxame com alguns amigos e parceiros de vida e depois criei também a Cia Levianos com outro grande parceiro. Com essas companhias criei espetáculos com os quais pude trabalhar, me exprimir artisticamente, conhecer lugares, pessoas e compartilhar momentos e visões de mundo.

Esse ano meu trabalho na corda bamba atraiu a atenção do Cirque Du Soleil, não tanto pelo nível técnico (tem muitos artistas pelo mundo melhores que eu tecnicamente), mas muito mais, provavelmente, pelo tanto de mim que eu coloco no meu trabalho, pela entrega e dedicação pelo que faço, fazendo com que minha arte se torne algo especial, único. O respeito a individualidade dos tempos da Francisco sinto como reverbera até hoje.

Estar aqui no Cirque Du Soleil nunca foi meu maior objetivo de vida, parecia tão distante, mas aqui a vida me levou nessa imprevisível parceria dos meus quereres com os acasos que a vida proporciona. Sigo vivendo do presente e aproveito pra me jogar mais uma vez no desconhecido, simplesmente pelo privilégio de poder, por querer e sem saber realmente onde vai dar. ■





## NOSSO ALIMENTO

### Do Crostoli ao Grosteli a tradição se mantém na casa dos Borghi

Vivian Borghi Kühl Borazanian

Mãe do Vicente do 8º Ano

Fotos: Arquivo Pessoal

A história a seguir é sobre como uma receita pode ser tão especial.

Minha avó materna, Luzia Borghi, preparava em todos os Natais um biscoito muito especial. Ele é feito de uma massa muito simples com farinha, ovos e anisete. É frito e decorado com mel na hora de servir. Ficam guardados em latas que povoam memórias da infância. Essas latas ficavam em cima do armário sob a tutela da minha avó. O nome do biscoito, tradicionalmente, é Crostoli. Mas minha avó, cujo vocabulário era muito particular, chamava-o de Grosteli. E é assim que nós, na minha família, passamos também a chamá-lo.

A dona Luzia Borghi aprendeu a fazer o Grosteli com sua cunhada Maria Poffo. Elas eram muito próximas. A família de Maria era de músicos de Trento, na Itália. Provavelmente, de lá vem a tradição do Grosteli. Mas ele é famoso em várias regiões da Itália. Às vezes, com a massa mais grossa e polvilhado com açúcar e canela.

O Grosteli sempre foi preparado pela minha avó com muito carinho, para a família comer na ceia de Natal. Quando alguns não estavam presentes – temos familiares próximos em Brasília e no Rio de Janeiro – ela guardava uma lata para

mandar para onde quer que fosse. Até para a Noruega esse biscoito foi quando minha prima estava fazendo intercâmbio na época do Natal. O importante era que todos comessem o Grosteli. As latas, administradas por ela, guardavam o biscoito para a ceia, para o almoço do dia 25, para o ano novo e para as visitas comerem com café.

Eu sempre participava da feitura dos biscoitos. Desde criança. A princípio eu enrolava os biscoitos. Com o tempo aprendi a receita, mas, no cilindro por onde a massa passava, só ela mexia. Quando ela já estava bem velhinha, meu marido Thiago, minha tia Eurydice, meu filho Vicente e eu assumimos a feitura e a vovó supervisionava. Eu havia ganho o direito de mexer no cilindro. Sempre foi algo muito sério esse negócio de Grosteli.

Após sua partida para o mundo espiritual, essa tarefa de preparar o Grosteli coube a mim. Eu faço com a mesma seriedade ritualística empregada por ela. Guardo e administro as latas. Já ensinei para a minha sogra (de ascendência armênia) e para uma amiga. E assim se mantém essa linda tradição. Algumas tradições são muito especiais porque mantém o elo entre as pessoas de diferentes gerações e as memórias vivas. ■



Eis a receita do Grosteli:

#### Ingredientes:

1 ½ quilo de farinha de trigo  
1 dúzia de ovos inteiros  
1 copo americano de anisete (licor de anis)  
6 colheres de açúcar (a vó colocava 7)

#### Modo de preparar:

Coloque a farinha numa bacia e faça um buraco no meio. Ali coloque o açúcar, os ovos (sem pele e sem a parte branca da clara), o anisete e vá mexendo com a mão e preparando a massa. Após a massa estar pronta, coloque um pouco de farinha em volta e corte-a em pedaços fazendo bifés com eles. Polvilhe farinha em volta. Passe cada bife no cilindro. Passe depois mais duas vezes estreitando o espaço do cilindro. A massa deve ficar fina e bem comprida. Aí, deve-se cortar em retângulos com a faca e fazer 3 cortes no meio de cada um. Depois, é hora de entrelaçar os cortes com a mão bem leve para fazer o Grosteli. Frite, escorra e coloque em papel toalha para sugar o óleo. Guarde em lata com tampa e coma na noite de Natal!

## Receita Natalina: Stollen

Louise Regina Lins Geller | Professora de Alemão



**N**atal sempre foi minha época favorita do ano inteiro. Ele sempre chega de mansinho com a comemoração do advento e com os preparos das receitas que dão um cheiro único à casa que só existe nessa época do ano. Minhas lembranças preferidas da infância até hoje são quando a cozinha começa a cheirar a biscoitos e quando chegava uma caixa da cidade dos meus avós e dentro dela continha um pedacinho das festividades natalinas com uma casinha de pão de mel decorada com açúcar de confeiteiro e um *stollen*. Era como ter um carinho de vó à distância. Eles vinham cuidadosamente embalados para chegarem inteiros. Tinham seu cantinho

especial na casa, perto da mesa do jantar, onde ficavam aguardando para serem ansiosamente degustados. Minha vó fazia um *stollen* para cada filho e seu preparo começava com meses de antecedência. Ela dizia que o toque especial estava no tempo que a massa ficava descansando antes de assar e depois de assada, era essencial esperar um tempo também. As uvas passas eram colocadas em um pote de vidro e embebidas em rum para ficarem bem redondinhas e darem aquele sabor único e especial à massa. Quando resolvem ficar em volta, parecem pequenas explosões caramelizadas e intensas com cobertura de manteiga e açúcar de confeiteiro sempre muito

disputadas em casa. Quando ela se foi, minha madrastra e meu pai deram continuidade à tradição, mas de uma outra forma. Todo ano, presenteiam todas pessoas que conhecem um *stollen* ou *christstollen*, como também é conhecido, que é entregue de uma forma muito especial, pois seu formato lembra o menino Jesus envolto em uma manta. Essa receita, típica da cidade de Dresden, na Idade Média era um pão doce mais simples feito com farinha de trigo, fermento e água. Em 1491, a pedido da nobreza da Saxônia ao Papa Inocêncio VIII, o uso da manteiga foi liberado através da 'Carta da Manteiga' emitida pelo pontífice. ■

### Como fazer:

Rende: 2 bolos médios - 1h45 preparo da massa - Tempo de descanso da massa: 2h ou até dobrar de tamanho  
- Tempo de forno: 45 minutos a 180°C  
- Tempo de descanso após assar: 24h

### Ingredientes para a massa:

- 1 xícara (chá) de leite (240 ml); 1 envelope de fermento biológico seco; 2/3 de xícara (chá) de açúcar (100 g); 4 a 5 xícaras (chá) de farinha de trigo sem fermento (600 g); 1 colher (chá) de sal; 1 ovo; 200 g de manteiga em temperatura ambiente (ponto pomada); 1 colher (chá) de canela em pó ; 1/2 colher (chá) de noz-moscada ralada; 1/2 colher (chá) de cravo em pó; 1/2 colher (chá) de cardamomo em pó; raspas de 1 limão; 1 xícara de amêndoas em lascas ou picadas; 1 e 1/2 xícara (chá) de uva-passa (225 g); 1 xícara (chá) de frutas cristalizadas em cubinhos (130 g); 1/4 de xícara (chá) de rum ou conhaque (60 ml) ou água; Papel manteiga ; Assadeira; Peneira; Pincel.

### Para as uvas passas:

Colocar as uvas passas em um recipiente e complete com rum ou conhaque antes de iniciar a receita. Se preferir, pode despejar

um pouco do rum na massa e envolver as passas em um pouco de farinha para que elas não fiquem no fundo da massa ao assar. Água com açúcar pode ser utilizada no lugar do rum.

### Para as amêndoas (opcional):

Deixar as amêndoas hidratadas sem casca em um pouco de água para facilitar na hora de triturar e não liberar os óleos essenciais. Se for em lascas, também pode envolver em um pouco de farinha de trigo. Se comprar com casca, deixar em um pouco de água facilita na hora de descascar.

### Para finalizar:

- 50 g de manteiga derretida; 1/2 xícara (chá) de açúcar de confeiteiro (aproximadamente 60g)

### Para fazer a massa:

Em uma panela pequena, aquecer e leite até ficar morno. Quando amornar, coloque o leite em uma tigela grande e junte o fermento e deixe agir por alguns instantes. Em seguida, adicione açúcar, uma xícara de farinha, misture e deixe repousar por 10min, até começar a formar bolhas. Acrescente o sal, o

ovo, a manteiga, a canela, a noz moscada, o cardamomo, o cravo, as raspas de limão, aos poucos, incorpore a farinha e trabalhando a massa com as mãos em uma bancada polvilhada com farinha até conseguir uma massa macia e que se solte das mãos. Cubra a massa com um pano úmido e deixe repousar por duas horas ou até dobrar de volume. Adicionar as passas, as amêndoas em lasca ou picadas e as frutas cristalizadas. Misture até a massa incorporar tudo. Dividir a massa em duas porções iguais, abrir a massa e dobrar como um envelope com as dobras para baixo pressionando a parte de cima para que fique ligeiramente achatada ou em formato de pão e achatar levemente a superfície. Deixar o formato do pão simples é possível também. Forrar a assadeira com papel manteiga e deixar a massa descansar uns 20 minutos antes de ir para o forno. Levar ao forno por 45 minutos a 180 ° C até que a parte de cima fique dourada. Retirar do forno e ainda quente, pincelar com bastante manteiga e peneirar o açúcar de confeiteiro por cima. Deixar a massa descansar por 24 horas.

Quanto mais tempo, melhor.

## ACONTECEU NA FRANCISCO

### A Franciso no canal FUTURA Das estrelas, das galáxias e além

por Allan Gonçalves da Silva | Tutor do 9ºW | Fotos: Canal Futura

(Os alunos do 12º foram entrevistados para o episódio Galáxias e Estrelas, do programa Ciência para Todos apresentado no Canal Futura)



Desde que o cientista alemão Gustav R. Kirchhoff, ainda no século XIX, analisou a luz solar e constatou que era do mesmo tipo da luz emitida por gases encontrados aqui na Terra, a possibilidade de conhecermos a composição material do Universo se tornou concreta. Assim descobrimos do que são constituídos os planetas, estrelas e toda sorte de objetos celestes. Descobrimos sermos materialmente poeira das estrelas, como poeticamente observou Carl Sagan. Entretanto, tal busca gerou profundas questões que ainda constituem desafios para a ciência atual. Dentre tais questões, uma bem conhecida é o problema da matéria escura, que consiste no fato de que toda matéria conhecida, das estrelas, planetas, satélites, cometas, poeira interestelar, e tudo mais que conseguimos de uma maneira ou de outra enxergar ou medir, representa pouco mais

de 3% da matéria do universo! Os outros 96% são “escuro” para nós. Não enxergamos. Sabemos que existe pelas suas consequências na matéria visível, como sua influência na forma como as galáxias giram ou pelo fato de o universo se expandir cada vez mais rápido. Uma parte dessa matéria desconhecida é chamada de matéria escura e tem sido largamente estudada e pesquisada desde a década de 30 (século passado) até os dias atuais.

O Brasil tem, ao longo desses anos, contribuído significativamente para essa área de pesquisa, seja em colaborações experimentais internacionais, analisando dados ou propondo modelos teóricos que descrevem as observações. Dentre os grupos brasileiros que trabalham com esse tema, a equipe liderada pelo Prof. Dr. Laerte Sodré Jr. obteve avanços importantes nos últimos anos e por essa razão foi

tema de um episódio de divulgação científica promovido pela Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), veiculado no canal Futura e gravado em nossa escola! No segundo semestre do ano passado, os alunos do 11º ano, atual 12º, acompanhados por este que vos escreve, participaram das gravações do episódio “Galáxias e Estrelas”, no qual tiveram a oportunidade de entrar em contato com o assunto, discuti-lo e colocarem suas dúvidas e ideias. O episódio foi ao ar em setembro último e pode ser visualizado no endereço eletrônico <http://www.futuraplay.org/video/galaxias-e-estrelas/500979>. Foi uma oportunidade bem aproveitada de vivenciarmos um tema atual e de fronteira da Física na nossa Franciso e de nos mostrarmos de outra forma ao mundo. ■

# Paisagens da Alma, de Paulo de Lins e os Corais da nossa Escola

por Paulo Sérgio Jordão Daruiche



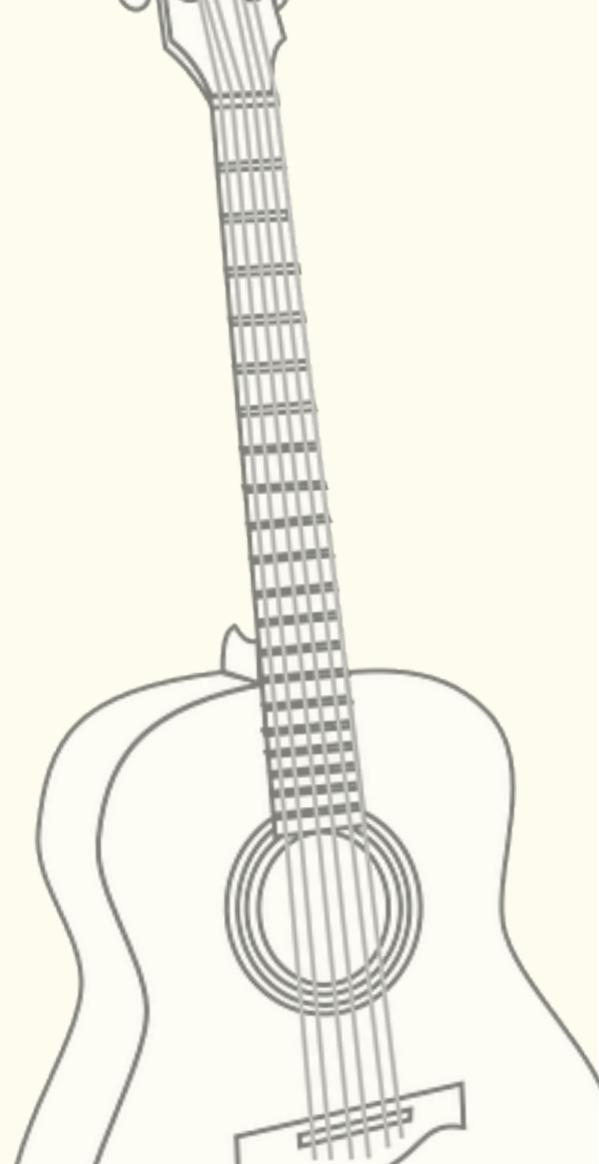
CD Paisagens da Alma - Música Brasileira

Dia 21 de setembro – na entrada da primavera – tivemos mais um evento em comemoração dos 100 anos da Pedagogia Waldorf, celebrado na Francisco com um show musical, reunindo o Coral de Pais da Escola, o Coral do Ensino Médio, e o lançamento do meu primeiro álbum como cantor, violero, sob o nome artístico de Paulo de Lins (sou pai da escola há quase 20 anos). O show “Paisagens da Alma”, que leva o nome do disco, contou com a participação de músicos de grande gabarito, também membros da comunidade da Francisco: Eduardo Giancesella na percussão, Aninha Freire no contrabaixo, e Cláudio Torezan no violão, e eu, Paulo, nos vocais e na viola caipira.

Foi um momento de grande união e alegria, pois neste dia sentimos a força da comunidade escolar em torno desta festa. O show estava programado para esta data desde o primeiro semestre, e no começo do

segundo foram agregadas as apresentações dos Corais dos Alunos do EM e dos Pais da Escola. A parceria com o 12.º ano foi marcante. Os alunos cuidaram da divulgação do evento, auxiliaram na produção e promoveram a lanchonete e um bazar. E não posso deixar de citar o Vidal Bezerra da Silva e sua preciosa ajuda com o som, a Elizete Gomes na iluminação e no cenário, juntamente com a Tânia Baptista, e os registros fotográficos/video do Thiago Borazanian.

Todos os recursos arrecadados neste dia foram revertidos para auxiliar a própria sala do 12.º ano, viabilizando a viagem pedagógica de final de curso, num belo exemplo da força que temos juntos, traduzida nas palavras poéticas de Beto Guedes, “um mais um é sempre mais que dois”. Ah! Caso você não tenha vindo ao show, o CD Paisagens da Alma encontra-se à venda no bazar da Escola. ■



## Ficha Técnica

Produzido por *Paulo de Lins*  
Direção musical: *Zeca Collares*  
Gravação, mixagem e masterização: *Fábio Luís (Acústico Estúdio - Sorocaba/SP)*  
Ilustrações: *Eduardo Américo e Tânia Baptista (para Catarina)*

Fotos: *Fábio Luís, Paulo de Lins, Álvaro Couto, Cássia Maria, Zeca Collares, Luiz Anthony, Alcides Bernardi.*

Gravado em *Sorocaba*,  
entre *janeiro e julho de 2019*  
Contatos: (11) 99602-1364 /  
[paulodelins.br@gmail.com](mailto:paulodelins.br@gmail.com)

# Festa Semestral

por Redação IF | Fotos: Lucas Moraes

No último dia 28 de setembro ocorreu em nossa escola mais uma festa semestral, a segunda do ano. A celebração ocorre logo após o equinócio de primavera. “Esse é o desabrochar de todo o trabalho gerado nos longos meses do inverno, permeada pelos envolventes ritmos dos trabalhos manuais”, lembra Allan G. Silva, professor do Ensino Médio. Segundo ele, tivemos belas apresentações musicais, euritmicas, de danças e de ritmos matemáticos. Do 1º ao 12º ano, os alunos nos presentearam com apresentações repletas de um comprometimento amoroso e leve, um genuíno alimento para a alma necessário para a conclusão das atividades do ano. ■



# Ramayana: um espetáculo lúdico que combate nossas sombras

por Carolina Gulyas Figueiredo | Professora de Classe | Fotos: Lucas Moraes

O Teatro do oitavo ano é algo um pouco misterioso. Entendo que quando nos propomos a fazer o melhor de nós e nos amparamos no mundo espiritual, recebemos a ajuda que precisamos. Foi assim comigo. Desde o momento em que recebi a nossa peça até o último dia de apresentação, sinto verdadeiramente que fui auxiliada pelo plano espiritual.

Em minha busca de qual peça nós faríamos, um dia, Ramayana chega em minhas mãos. Uma versão despretensiosa e com abordagem infanto-juvenil. Ao ler o livro soube imediatamente que essa seria a nossa peça. A partir disso, todos os eventos foram uma sequência de escolhas feitas a partir do coração, muitas vezes sem compreender a razão de tais escolhas.

O processo do teatro é algo muito intenso, para todos os envolvidos. É incontestável as várias fases que os alunos vão percorrendo ao longo dos meses. A expectativa de saber qual será a peça; a euforia da descoberta; a leveza dos primeiros ensaios; as dificuldades de cada um que vão se tornando mais conscientes durante a caminhada; a tensão de decorar o texto; enfrentar o medo de se expor; a explosão de uma frustração; o choro, o riso, superar todos os temores e viver o momento do espetáculo, com erros e acertos. Fazer o público acreditar sermos quem não somos. Encantar e fazer chorar.

Ramayana é uma obra importantíssima na cultura indiana. É uma história tão profunda que aos olhos superficiais fica difícil de compreender suas nuances e desdobramentos. Rama, personagem central da história, é filho do Rei Dasharatha, governante da abençoada e próspera cidade de Ayodhya. Rama que, na verdade, é a encarnação do Deus Vishnu nasce sob o véu do esquecimento para combater o mal que assola a Humanidade, personificado num demônio muito poderoso que nem mesmo os Deuses podem destruir. Ravana é um rei demônio, invulnerável a quase todos os seres da Terra, com exceção dos seres humanos, aos quais despreza. Em certa passagem da história, Kaikeyi, uma das esposas do Rei Dasharatha,

influenciada por uma criada invejosa, cobra dois favores que o Rei lhe devia. É por causa desses pedidos que Rama renuncia o trono e é exilado do reino por quatorze anos.

O que aparentemente pode parecer uma grande injustiça é na verdade a ação do destino. Através da atitude egoísta de Kaikeyi e sua criada, Rama vai ao encontro a sua verdadeira missão: acabar com a personificação do Mal, presente no mundo. Ao final de uma sequência de “infortúnios”, Rama finalmente encontra o Rei demônio e mata Ravana.

A história de Ramayana fala de uma maneira lúdica sobre combater as nossas sombras. Apesar das dificuldades, nossa evolução é feita a cada dia, a cada passo, a cada escolha. Fala também sobre seguir o caminho do coração, seguir nosso Dharma. A sociedade atual, de maneira geral, é bastante materialista e racional, preza o pensamento cartesiano. Ramayana fala sobre os mistérios do mundo espiritual, da relação profunda entre todos os personagens, da teia da vida.

Vivenciar essa experiência foi, de certa maneira, uma síntese de muitos acontecimentos que essa sala tem vivido. Observar o desabrochar desses jovens durante os anos que os acompanhei e ver o melhor deles no palco é algo indescritível.

O teatro é um fechamento, uma despedida divertida do caminho de uma constelação que sai da infância e segue, agora oficialmente, para a puberdade. O último desafio sob o véu da inocência e o manto amoroso da professora de classe. Agora, eles estão prontos para seguir, sabendo que foram capazes de vencer suas sombras, confortados pelos amigos que percorreram o mesmo caminho e com o sentimento inconsciente de que os nossos anjos nos resguardam e são nosso farol, quando seguimos o caminho do coração.

Por fim, fica uma saudade, uma ressaca de algo muito profundo e inexplicável, algo que certamente irá ecoar por muito tempo em nosso Ser. ■



# 34 anos da Francisco

por Redação IF | Fotos: Arquivo EWFA

No último dia 4 de outubro celebramos 34º aniversário da nossa escola. Carla Guedes, professora do 2º ano, ressaltou a importância e a alegria de comemorar a data juntamente com o aniversário de Francisco de Assis. “Temos o ideal de construirmos uma comunidade pautada na fraternidade, na busca da educação do ser humano livre para o pensar criativo”.

Pela manhã, na quadra, alunos, professores, pais e funcionários estiveram reunidos para celebrar a data, lembrando o nome de pessoas queridas que por lá passaram e fizeram história. Todos lembraram de fatos significativos ao longo destes 34 anos.

No período da tarde os professores estiveram reunidos com representantes do passado, que participaram da construção da escola, e do presente, a fim de buscarem construir juntos o futuro da nossa escola e da própria pedagogia. Para Carla Guedes, “o trabalho em todos os âmbitos, instâncias, sempre na busca do melhor, é o diferencial que construiu as bases desta escola”.

Vânia Grigoletto, (mãe de Gabriel, ex-aluno, e do Giovanni do 5º Ano) conta que foi um momento de declarar gratidão a todos os professores, funcionários e às famílias que acreditam na pedagogia, além dos vizinhos que recebem nossa comunidade em seu entorno como parte da história do bairro Lauzane Paulista. Vânia também citou o fato da importância de se tornar a pedagogia Waldorf mais conhecida: “Temos de mentalizar sempre a expansão da pedagogia para o mundo e para a humanidade e que o amor recebido por nossas crianças e por nossa comunidade irradie como a força do nascer do sol”. ■



# Rixa das Bruxas

## O menino que queria voar

por Alcides Garcia Junior | Fotos: @cia.terranoa

Em 1º de novembro a nossa Escola recebeu a Cia. Terranova com o espetáculo “Rixa das Bruxas”, destinado aos alunos do Ensino Médio e Fundamental. Alguns pais também estiveram presentes. Recém-chegados de uma turnê pela Europa, a Cia. Terranova nos presenteou com um espetáculo que misturava dança, teatro de bonecos e música com um enredo bem brasileiro, totalmente imerso no espírito que move a Euritmia. O texto é um olhar existencial sobre a trajetória de Santos Dumont vivido no palco na pele de Francisco, um menino que é raptado por duas bruxas e se envolve em numerosas aventuras até realizar seu sonho de voar. O espetáculo encantou a todos e foi uma excelente oportunidade para entendermos a extensão do trabalho realizado nas aulas de Euritmia na EWFA.

### Ficha técnica

Texto de Dino Bernardi e Ana Luiza Gentil; Concepção e Direção Cênica de Dino Bernardi; Composição Musical de Marcelo S. Petraglia, para fagote e percussão e Direção de Coreografia de Marília Barreto



# Exposição Pedagógica e Bazar de Natal

por Redação IF | Fotos: @ewfa\_oficial

Em 24 de novembro aconteceu mais uma Exposição Pedagógica e Bazar de Natal. É um momento em que pais, alunos, professores e toda comunidade escolar se reúnem ao final do ano para promover e prestigiar um momento tão especial que é o bazar de Natal.

“É uma celebração que se dá pela doação e pelo espírito fraternal no final de um ciclo, através da exposição pedagógica dos trabalhos desenvolvidos por todas classes”, conta Jéssica Oliveira, professora do 3º ano. Para ela, é um momento em que se planta uma semente para o futuro, pois é possível ter uma vivência de todo o currículo e suas belas manifestações artísticas. Pais e toda a comunidade escolar se envolvem, doando aquilo que desenvolveram, numa grande troca, e se organizam para tornar possível essa bonita comemoração. “Agrademos com muita beleza e delicadeza toda a contemplação dos trabalhos do ano, que abrem caminho para o que vem pela frente com entusiasmo e energia”, diz.



# A História da Arquitetura e a Sala de Aula Como Obra de Arte

por Thaisa Nogueira | Prof. de Artes na EWFA | Fotos: Arquivo Pessoal



**T**entarei resumir algumas ideias e memórias da viagem de História da Arquitetura do 12º ano da EWFA que com muito trabalho nos levou à Roma. O preâmbulo deste sonho é grande. Desde o 8º ano os alunos guardavam a vontade de uma grande viagem. O momento chegou no 12º ano. Pude acompanhar a apreensão de pais e alunos, com relação à aquisição de um considerável montante financeiro para a viagem acontecer.

Todos os pais engajados no propósito, destacando-se o sr. Sérgio Ribeiro, angariaram fundos, por meio de patrocínios e eventos nos quais os alunos trabalharam. Foram muitas reuniões orientando-os na condução dos trabalhos, bem como na gestão financeira. No dia 09/10 embarcamos para o Velho Mundo. Chegamos dia 10, no período da manhã e nos organizamos para a visita ao Coliseu Romano.

Sob o sol do outono romano percorremos a arquitetura do Coliseu onde contemplamos as estruturas de arcos romanos e as colunas em “ordens” gregas, que na verdade, são meias colunas e que não tem a função de sustentar a construção,

mas apenas de ornamentá-la. O anfiteatro romano com seu espaço central em forma de elipse se nos apresenta de forma monumental. Em volta do auditório, grande número de fileiras de assentos, formam uma arquibancada. Tudo pode ser observado por meio de maquetes e pela restauração presente no local. Assim é o Coliseu, certamente o mais belo dos anfiteatros romanos. No mesmo dia, vamos até o Fórum Romano. Sentamo-nos no Monte Palatino em frente ao Coliseu, com vistas ao Arco Triunfal de Constantino e começamos a desenhar. A sala de aula ao ar livre permite um momento de contemplação. O tempo e o cansaço dão espaço à meditação. Os arcos e as colunas triunfais são monumentos comemorativos que tinham a função de marcar cada nova conquista. São exemplos duradouros em todo o território do Império Romano. Os arcos marcavam a entrada das cidades e as conquistas do Imperador.

Dia **11**, Panteão Romano. Ao contrário da arquitetura grega, a Romana procurou valorizar seus espaços internos. O exemplo mais significativo é o Panteão, o templo de todos os deuses. É o templo mais conser-

vado da antiguidade clássica. Seu interior é uma gigantesca rotunda com abertura no topo, sem janelas, mas com a luz abundante vinda do alto. O Panteão foi planejado para reunir a grande quantidade de deuses existentes em todo o Império. A planta circular fechada por uma cúpula, cria um ambiente isolado do exterior onde o povo se reunia para o culto. Uma nova concepção de templo que será seguida pelo cristianismo, a Igreja de Santa Sofia.

O cristianismo começa a se desenvolver durante o Império Romano e coexiste com o esplendor da cultura pagã. Os cristãos foram perseguidos por quase 300 anos até que, o imperador Constantino converte-se à religião cristã e permite que o cristianismo seja livremente professado. A arte cristã primitiva ou Arte Paleocristã resulta da adaptação dos elementos da arte romana aos preceitos do cristianismo. O preceito cristão de que o cadáver devia ser enterrado e que a terra que o recebia era sagrada, fez aparecer os cemitérios. Os mais primitivos eram galerias subterrâneas, denominadas catacumbas. Fomos visitar as Catacumbas de São Calisto, que se encontra na saída de Roma pela via Ápia. Lá, visitamos as galerias comuns com estreitos corredores e outras, um pouco maiores, onde eram sepultados os mártires. Elas recebem em seu teto e em suas paredes as primeiras manifestações da pintura cristã. Visitamos a sepultura da jovem mártir Cecília, que foi condenada à morte por decapitação. No local se encontra uma escultura barroca, representando a mártir, cuja figura estende três dedos da mão direita e um da esquerda, testemunhando até o fim a sua fé num Deus Uno e Trino. A arte Paleocristã é toda simbólica e no início as pinturas nas paredes limitavam-se a representações de símbolos cristãos: a Cruz, a Palma, a Âncora e o Peixe. A arte cristã primitiva não era executada por grandes artistas, mas por homens do povo, convertidos à nova religião.

Dia **12**, Assis, na Úmbria. Visitamos a Basílica de São Francisco, que na verdade, são duas: a Inferior e a Superior,

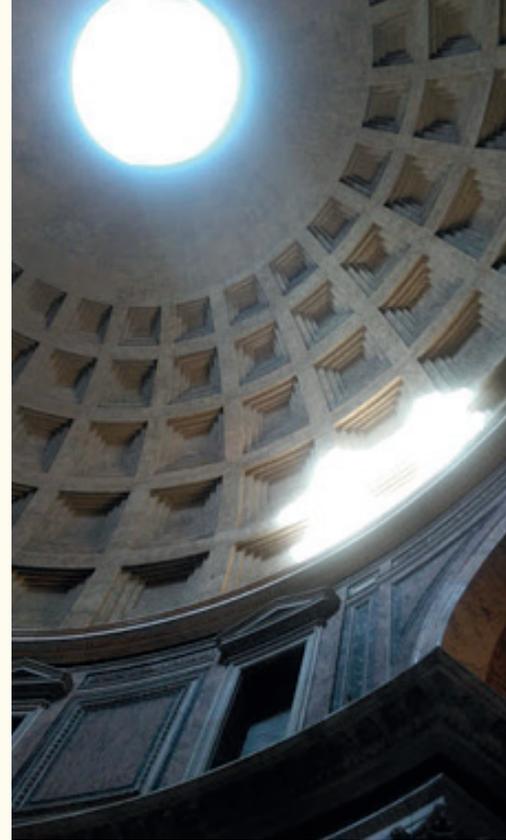
construídas em momentos diferentes, mas interligadas por dentro. São Francisco está enterrado na basílica inferior, numa cripta onde estão expostos seus únicos bens materiais: dois hábitos e um par de sandálias. A igreja inferior tem afrescos de Cimabue e Giotto. Na igreja superior está uma série de afrescos, com cenas da vida de São Francisco, também atribuídos a Giotto e seus seguidores. A pintura de Giotto vem ao encontro de uma visão humanista do mundo, que vai cada vez mais se firmando até ganhar plenitude no Renascimento. Assis é uma cidade que manteve a estrutura urbanística medieval. Casas e palácios feitos em pedra, com as sacadas cheias de floreiras, ruas estreitas de subidas penitentes. Um lugar especial que faz aflorar a espiritualidade.

Acordamos cedo, no dia **13**, para acompanhar pela manhã a Canonização da Irmã Dulce, primeira santa brasileira. Ao mesmo tempo, estava acontecendo no Vaticano a Assembléia Especial do Sínodo da Amazônia, debatendo, entre outros assuntos, as queimadas na floresta. Deixamos a praça do Vaticano para explorar a cidade de Roma. O flunar e a serendipidade faziam parte do processo de encontro com a cidade. O roteiro proposto era sempre modificado por momentos de descontração, experiências sensoriais e inspirações do próprio cotidiano, refletindo sobre nossas propostas, novas experimentações e tomadas de decisões espontâneas que permitiam encontros, como por exemplo, quando à procura de um metrô, chegamos ao monumento da Fontana di Trevi. Em outros momentos as alterações não trouxeram um resultado tão satisfatório, como quando ao chegar na Basílica Santa Maria Sopra Minerva esta estava fechada, pois em fase de restauração. Fechada também estava A Basílica de San Pietro in Vincoli ou Basílica de São Pedro Acorrentado, conhecida por abrigar a famosa estátua de Moisés, de Michelangelo. A escultura de Moisés é uma das principais obras do artista renascentista Michelangelo, que a esculpiu ainda muito jovem. Diante da perfeição

da escultura, bateu com um martelo no joelho na estátua e começou a gritar: Por que não falas? Para Michelangelo, a escultura já estava dentro do bloco de pedra. Ele tinha a técnica apenas para “retirar os excessos”. Impressionante. Ao final do dia, retornamos ao Panteão para desenhar. Como professora, tive a oportunidade de fazer da cidade mais importante do mundo um grande museu a céu aberto, uma sala de aula. Fomos convidados a nos retirar, pois estávamos sentados na escadaria da fonte, em frente ao monumento. Aqui, o tempo do desenho passou pela reflexão, pela meditação sobre o tempo passado e sobre o próprio tempo que não nos permite mais “sentar”.

Dia **14**, passeamos pela cidade de Roma e fomos ao Museu Capitolino. Os grandes mestres gregos são apreciados, copiados e sua arte é largamente consumida pela nobreza romana. Lá está o Discóbolo de Lancellotti, a Loba e a Cabeça de Sócrates, entre outras peças importantes. A arte romana resulta, portanto, da fusão das ideias práticas e populares dos etruscos, de que a arte deve expressar a realidade vivida, com as dos gregos Helenísticos, onde prevalecia a visão de que a arte deve expressar um ideal de beleza. Sobre os olhares e as caminhadas evidenciam-se as possibilidades cognitivas do flunar, palavra que vem do francês flâneur e significa “vagabundo”, “vadio”, “preguiçoso”; que por sua vez vem do verbo francês flâner, que significa “para passear”. Charles Baudelaire desenvolveu um significado para flâneur, qual seja, “uma pessoa que anda pela cidade a fim de experimentá-la”.

Esse era o espírito do flâneur, que percorrendo a cidade, conduziu-nos até ao Trastevere. A Basílica de Santa Maria in Trastevere é decorada por importantes mosaicos, com douramentos em estilo bizantino. O bairro tem uma agitada vida noturna. Na piazza, pudemos acompanhar apresentações de artistas de rua.





Dia **15**, Museu do Vaticano, onde se encontram renomadas peças que fazem da coleção uma das mais importantes do mundo. É um complexo subdivido em museus, galerias, átrios, pinacoteca, pátios, salas e biblioteca. Dentre as principais obras destacam-se: no pátio octogonal, Laocoonte e seus filhos e Perseu com a cabeça da Medusa de Canova; no Museu Chiaramonti, Sileno com o infante Dionísio; o Museu Gregoriano Etrusco; o Museu Gregoriano Egípcio; a Pinacoteca Vaticana; as Salas de Rafael e o afresco A Escola de Atenas, 1509; a Galeria dos Mapas; a Sala da Biga, com uma uma cópia do Discóbolo de Míron e, por fim, a Capela Sistina, o famoso conjunto de afrescos, executados por Michelangelo no teto e na parede do altar. A cena do Juízo Final, de Michelangelo, é um dos maiores marcos da arte maneirista e de toda a pintura ocidental.



Dia **16**, Paestum, uma grande cidade da Magna Grécia, localizada no sul da Itália, na região da Campânia, originalmente chamada de Posidônia (cidade do deus Poseidon), banhada pela linda costa Amalfitana.



Sua importância está nas ruínas preservadas, sendo um famoso sítio arqueológico, com três grandes templos gregos. O grupo de Paestum, inclui o Templo de Hera, conhecido como Basílica (c. 550-540 a.C.) é o mais antigo e muito preservado. O Templo de Atena, ou Ceres (c. 500 a.C.) e, o maior deles, sugere ser o Templo de Netuno (Apolo ou Poseidon), pelo nome da cidade (460-440 a.C.). A característica mais evidente dos templos gregos é a simetria. Observamos a construção da geometria na distribuição dos ambientes: o espaço interno (Cela ou Nau), um pátio interior, onde a estátua da divindade ficava inacessível e, por vezes, organizado em três alas divididas por colunas. Outros espaços como Ádito ou ábato, dentro do templo somente era acessível a sacerdotes para o culto ou colocação de oferendas.



A edificação servia de morada à uma grande escultura que se manti-

na intacta e invisível aos fiéis e aos sacerdotes. A monumentalidade dos templos está na área externa, onde acontecem os cultos. A beleza e a magia dos templos de ordem dórica se evidenciam na cadência rítmica das colunas em todo o seu perímetro (a isto se dá o nome de Períptero) e da fachada com seis colunas no Templo de Netuno (chamada de Hexástilos) ou nove colunas no Templo de Hera que sustentam um entablamento horizontal formado por três partes: a arquitrave, o friso e a cornija.

A ordem dórica dos templos é simples e maciça. O fuste da coluna era monolítico e grosso. O capitel era uma almofada de pedra. Sendo a mais antiga das ordens arquitetônicas gregas, a ordem dórica, por sua simplicidade e severidade, empresta uma ideia de solidez e imponência.

Na sua constante busca da perfeição, a arquitetura dos templos cria uma arte de elaboração intelectual em que predominam o ritmo, o equilíbrio, a harmonia ideal.

No mesmo dia, saímos de Paestum e fomos à Nápoles, no sítio arqueológico de Pompéia, cidade que em 79 d.C. foi soterrada por metros de cinzas após a erupção do Monte Vesúvio.

A cidade escavada oferece uma amostra da vida romana no século I. Os romanos se destacam no domínio da engenharia civil: os aquedutos permitem a formação das cidades, as URBES, cujas ruínas revelam hoje o que foi a “grandeza de Roma”. As cidades urbanizadas tinham traçado ortogonal, ruas calçadas e eram saneadas com sistema de abastecimento de água e rede de esgoto. Os equipamentos urbanos como o fórum, o anfiteatro, os banhos, muitas casas, e algumas vilas nos arredores, como a Vila dos Mistérios, permaneceram preservadas. Destaque-se a arquitetura da moradia romana: a planta da casa romana era desenhada rigorosamente a partir de um retângulo básico. Os romanos,

porém, deram um sentido mais grandioso às moradias. A porta de entrada, em uma das faces menores, conduzia ao átrio, um espaço central com teto vazado sobre o implúvio, seguido do tablino e do peristilo (seqüência de colunas que os gregos usavam no contorno dos seus edifícios) em torno dos quais se distribuíam os cômodos. Os interiores domésticos foram fartamente decorados. Os pisos eram revestidos com mosaicos feitos em mármore colorido e as paredes com painéis de pinturas murais.

Na Vila dos Mistérios, pudemos presenciar a evolução da pintura arquitetônica (entre 15 a. C. e 60 d. C.). A pintura é ornamental. Os artistas põem fim às ilusões de volumetria e valorizam a delicadeza dos pequenos detalhes destacando a evidência do plano da parede. Os pintores romanos misturaram realismo e imaginação, e suas obras ocuparam grandes espaços nas construções, complementando ricamente a arquitetura. A série de afrescos em um dos quartos da Vila dos Mistérios, mostram o um ritual de passagem dionisíaco de uma jovem menina em um culto de mistério greco-romano.

Villa Borghese, no dia 17, considerado o segundo maior parque urbano de Roma, em paisagismo de estilo inglês, pudemos contemplar a natureza e aproveitar a luz do dia para desenhar, fazer piquenique e descansar. Após, fomos ao Museu Etrusco. É um dos mais importantes museus dedicados à preservação da arte etrusca em todo o mundo. Também chamado de Villa Giulia, o museu se destaca pelas célebres peças e ânforas do período arcaico e pela arquitetura. Descobrimos sobre a ligação deste edifício com os outros da cidade do Vaticano por meio de passagens subterrâneas.

Foi no dia 18 que adentrarmos à Basílica de São Pedro, no Vaticano e subimos até a cúpula. Lá de cima, tivemos uma das vistas

mais bonitas de Roma, e uma das experiências mais fascinantes da cidade. A cúpula, detalhada internamente por diversos afrescos e mosaicos com douramentos extremamente decorados e detalhados minunciosamente são um desafio ao olho humano: ora observamos frisos e detalhes tridimensionais, em outro momento, são desenhados com perspectiva e luz e sombra que beiram a perfeição.

Lá do alto você percebe que a praça oval foi projetada em formato de chave Pedro e que são o símbolo do Vaticano.

Minha intenção aqui foi selecionar alguns dados relativos à percepção dessa nossa viagem e montá-los segundo um encadeamento lógico para realizar assim uma constelação de imagens e sensações que passamos nesses dias intensos. O espaço urbano é entendido de forma ampla e abrange o conceito de “sala de aula”.

A cidade é compreendida como um organismo subjetivo, que inventa valores e modelos de comportamentos estruturados por uma linguagem própria, baseada em intervalos delimitados pela ação dos indivíduos que habitam o espaço urbano. Lá pudemos observar como, num ambiente diferente, as pessoas se relacionam com os olhares, o diferente modo de se vestir, se portar.

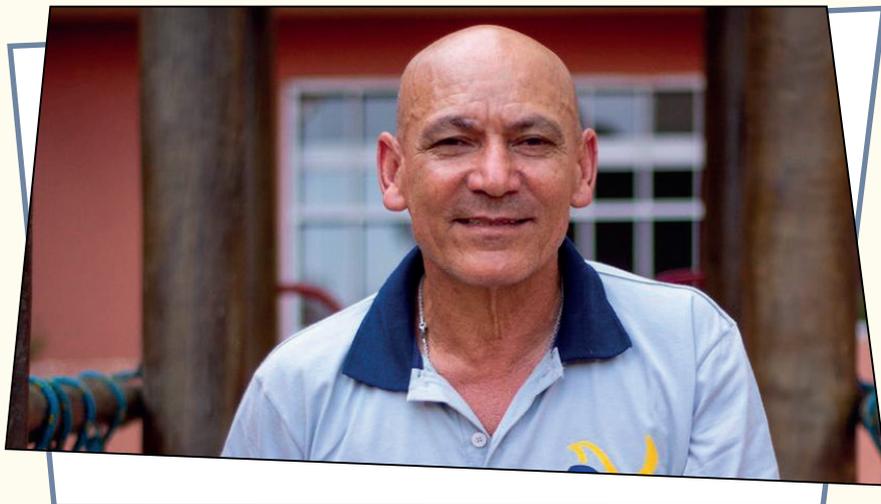
A cidade polifônica de vários itinerários musicais ou materiais sonoros se cruzam entre as ambulâncias que circulam frequentemente. Os sons se encontram e se fundem, obtendo harmonias elevadas ou dissonâncias através de suas respectivas linhas melódicas, que finalizamos ao som bem brasileiro dos nossos meninos:

*“Não, eu não aceito essa indisciplina  
Acho que você não me entendeu  
Meus meninos são o que você teceu  
Em resistência ao mundo que Deus deu...”*  
Criolo

## NAFUNÇÃO

### Manutenção e Compaixão

por Fernando Andrade | Fotos: Thiago Borazanian



“Seu Oswaldo” preferiu me receber na marcenaria da escola Francisco de Assis, onde supostamente seria mais silencioso. Após alguns minutos de conversa um grupo de meninos entra e começa a mexer nas ferramentas. “Seu Oswaldo” não intervém. “Aqui aprendi o limite para chamar a atenção. Eles têm de aprender”, diz. Oswaldo Ribeiro Soares é baiano criado em Minas Gerais e desde 2013 trabalha da EWFA.

Em São João do Paraíso, no norte de Minas, começou a trabalhar na roça. Tinha oito anos. Fazia rapadura, cultivava alho, cebola e tudo mais que vinha da terra. No entanto a terra começou a secar. “Com o passar do tempo a chuva foi acabando e tudo ficou seco. Nada mais crescia”, relembra.

A família composta por sete irmãos (duas mulheres e cinco homens) começou a deixar Paraíso. Em 1974 foi a vez de “Seu Oswaldo”. Na capital paulista trabalhou muito tempo como pedreiro em uma construtora de um italiano.

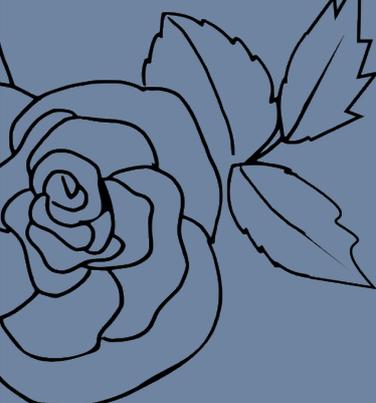
Ele estava desempregado quando conheceu Maísa e Rose. Fez seus primeiros reparos na escola e, pouco depois, já tinha sido contratado.

“Seu Oswaldo” se prepara para deixar nossa escola e, enfim, se aposentar. Esse ano de 2019 não foi fácil pra ele. Perdeu o pai e a mãe, ambos já velhinhos, como 93 e 90 anos, respectivamente.

Da escola Francisco de Assis só se queixa das escadas. “Depois de seis anos subindo e descendo os pés doem, um pouco”, conta. Ele faz questão de agradecer a todos da comunidade e principalmente à Mônica Ballaminut – a quem declara eterna compaixão, pelo zelo a ele dedicado ao longo desses anos trabalhados na escola.

“Seu Oswaldo” também confessa que já sente saudade das crianças do Jardim e do Maternal. “Eles são meus preferidos. Quando eu chego no portão, cada um me chama de um apelido: carequinha, carecão, carecudo”, diverte-se. ■





# VIDA EM VERSOS

por Bráulio Bessa



Sendo eu, um aprendiz  
A vida já me ensinou que besta  
É quem vive triste  
Lembrando o que faltou

Magoando a cicatriz  
E esquece de ser feliz  
Por tudo que conquistou

Afinal, nem toda lágrima é dor  
Nem toda graça é sorriso  
Nem toda curva da vida  
Tem uma placa de aviso  
E nem sempre o que você perde  
É de fato um prejuízo

O meu ou o seu caminho  
Não são muito diferentes  
Tem espinho, pedra, buraco  
Pra mode atrasar a gente

Mas não desanime por nada  
Pois até uma topada  
Empurra você pra frente

Tantas vezes parece que é o fim  
Mas no fundo, é só um recomeço  
Afinal, pra poder se levantar  
É preciso sofrer algum tropeço

É a vida insistindo em nos cobrar  
Uma conta difícil de pagar  
Quase sempre, por ter um alto preço

Acredite no poder da palavra desistir  
Tire o D, coloque o R  
Que você tem Resistir

Uma pequena mudança  
Às vezes traz esperança  
E faz a gente seguir

Continue sendo forte  
Tenha fé no Criador  
Fé também em você mesmo  
Não tenha medo da dor



Siga em frente a caminhada  
E saiba que a cruz mais pesada  
O filho de Deus carregou





**Escola Waldorf  
Francisco de Assis**

